

LOPES, João Herculino de Sousa. Minhas Melhores Lembranças. Editora Dom Quixote.

### **Prisão**

Depois da cassação, fui preso. Vários deputados, entretanto, foram presos antes de serem cassados. Se tivessem tentado prender-me, antes de trem cassado meu mandato, certamente teriam que me matar, pois defenderia até o fim minha condição de deputado. Não tenho a menor dúvida disso!

Nessa época eu morava em Brasília e viajava para o Rio de Janeiro. Havia um grupo alemão que pretendia comprar um equipamento para trabalhar madeira aqui em Goiás, mas esse grupo fracassou, e o equipamento permaneceu encaixotado. Tomei conhecimento disso e propus comprar aquele equipamento e abrir uma indústria em Goiás. Eles estavam no Rio me esperando, no dia 20 de janeiro de 1969. Quando cheguei ao aeroporto, de partida para o Rio, fui abordado por um cidadão muito gentil que me falou:

- Eu sou o coronel Campelo, infelizmente, senhor não vai poder embarcar agora, porque o senhor vai ter que ir ao Batalhão da Guarda Presidencial, para onde vão o padre Nobre, Milton Reis e mais uns quatro ou cinco. O senhor vai ter que ir lá se qualificar, fazer a identificação...

Expliquei-lhe minha situação e ele continuou:

- Nesse caso, vou reter o avião aqui até o senhor voltar e vou pedir para que o senhor seja atendido com preferência.

Então, fui até a Asa Norte, onde era o Batalhão da Guarda Presidencial. Cheguei lá, já estavam me esperando. Mandaram-me tirar retrato, de perfil, de frente...

Despedi-me dos colegas que estavam lá e voltei para o aeroporto. O avião ainda esperava por mim. Na mesma hora, ele decolou. Minutos antes, o coronel Campelo me falou que quando chegasse ao Rio de Janeiro, procurasse o general França. Ele me deu o telefone e o endereço desse general. Assim que cheguei lá, liguei para ele:

- Aqui é o ex-deputado João Herculino. O coronel Campelo pediu que quando eu chegasse, eu procurasse o senhor. No momento eu não posso ir até aí, porque eu tenho um encontro com um grupo alemão. Depois da reunião, eu estarei à disposição do senhor.

- Então, quando acabar seu encontro, o senhor me telefona e vem para cá.

Desde o início, fui tratado com muita cortesia, muita elegância.

Então, conversei com o grupo e disse que tinha certeza que seria preso, e por isso não poderia fazer negócio com eles. Aí, telefonei para o general França e um ajudante de ordem dele me disse que ele havia saído, mas que me receberia.

Fui buscar o professor Peres no hotel Trocadero e fomos para a Polícia Federal. Ao chegarmos, um coronel me pediu que aguardasse, que eu iria me apresentar no DEOPS. Eu disse ao professor Peres, que na época era presidente do CEUB:

- Professor Péres, eu estou preso. Você toma algumas providências para mim. Dê assistência à minha família, não deixe faltar nada, porque eu sei que já estou preso.

Aí dois investigadores nos levaram ao DEOPS, onde encontrei um cidadão, da idade, chorando porque estava lá há 72 horas sem saber de nada. Pouco depois, chegou o delegado do DEOPS mastigando a ponta do bigode, e perguntou ao velhinho:

- O que o senhor está fazendo aqui?

- Eu estou aqui há 72 horas e ninguém fala comigo.

E perguntou ao Peres?

- E você? O que está fazendo aqui?

- Eu estou acompanhando o deputado João Herculino.

- Aqui ninguém tem acompanhante, não!

O Péres saiu e ele me perguntou o que eu fazia lá.

- Eu sou o ex-deputado João Herculino. Fui à chefia da Polícia Federal e ordenaram que eu me apresentasse aqui. Aqueles dois investigadores me acompanharam até aqui.

- Então, o senhor aguarde.

Fiquei lá em tempo até que veio um escrivão, e me levou para uma saleta. Era um sujeito com muita boa vontade. Lá ele fez um interrogatório:

- O senhor já foi à Cortina de Ferro?

Eu fui convidado para ir à Tchecoslováquia e a Polônia por uma firma que eu representava em Brasília. E também porque eu faço parte de um grupo que, na época, estava comprando uma fábrica de cerveja, a Skol. Respondi-lhe.

- Então, o senhor não foi. E continuou:

- O senhor estava no comício de Ouro Preto?

- Estava, sim, senhor.

- Estavam lá Tancredo Neves, Renato Azeredo, vários políticos. O senhor estava lá?

- Estava, sim, senhor.

- O senhor é amigo do Juscelino?

- Com muita honra sou amigo do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Amigo e toda vida estive ao lado dele.

- O senhor é amigo do Dr. João Goulart?

- Sou amigo dele como um irmão.

- O senhor já leu Marcuse?

- Eu lamento dizer que não li Marcuse porque qualquer homem medianamente inteligente e culto deveria ter lido. Mas, lamentavelmente, eu não tive tempo de lê-lo ainda.

- Não leu.

Então, o delegado chegou e disse que eu ia para o DOPS. Aí entra uma mocinha, que tinha feito vestibular comigo em Brasília, na UnB, e disse assim:

- Deputado, nós choramos muito lá em casa quando soubemos que o senhor foi cassado. Eu vim dizer para o senhor que eles vão fazer de tudo para o senhor reagir. Não reaja, porque não tem nada contra o senhor aqui dentro. Têm apenas o seu nome, a sua filiação, os seus dados profissionais...Mas não o estão acusando de nada. Por isso não reaja. Se o senhor reagir, o senhor justificará a violência. Eles vão mandar o senhor lá para o DOPS. Eu vou telefonar para o delegado Viladino e vou dizer a ele quem é o senhor para ver o senhor não fica no DOPS, porque lá o rato está roendo o pé de quem está preso. É um negócio sério. Vou ver se ele manda o senhor para outro lugar.

Logo em seguida, chegou esse escrivão com um ofício e o entregou para os dois investigadores. Entramos no carro e fomos ao DEOPS. Chegamos lá, o delegado Viladino estava parado no topo da escada.

- Estava esperando o senhor. Aqui eu não tenho acomodação para o senhor, não. Vá para o Regimento da Cavalaria falar com o coronel Quaresma, que é o comandante, porque tem vários presos lá.

Quando chegamos, um sujeito tocou a corneta. E eu pensei: “Pôxa, estou sendo recebido até com corneta. O negócio está bom”. Aí apareceu aquela turma Hélio Pelegrino, Geraldo Mourão, Zuenir Ventura e Oswaldo Peralva... Eu fiquei até mais tranquilo. Aquela turma toda, todos só de calção...

O coronel Quaresma me mandou ficar com eles.

O cubículo onde eles estavam cabia, mal e mal, duas prumadas de beliche. Era uma cela, toda de azulejo branco, que tinha sido um posto de enfermagem para aplicar injeções. De um lado, havia aquela prumada de beliches, três camas, e do outro lado

mias três camas. Quem ficava em baixo sofria, porque na hora em que o sujeito se mexia no colchão, caía aquele farelo de capim nos olhos.

Foi uma festa a hora em que cheguei. Eles me falaram que o coronel era uma pessoa muito boa, muito cordial, mas que precisávamos arrumar um jeito de ir para outro lugar, porque lá estava muito apertado. Então, fizemos um requerimento para o coronel Quaresma para que pudéssemos mudar de prisão, porque ali estava muito apertado para seis pessoas. E tivemos conhecimento de que havia uma cela novinha, ainda não inaugurada, e pedimos para inaugurá-la. Ele desceu e disse:

- Olha, o negócio é o seguinte: vocês não são presos comuns. Vocês não podem ficar no xadrez. Se quiserem, vão lá e confirmam se vocês querem ir assim mesmo.

Nós fomos lá e achados bom demais. Era um quarto assim 4x4, sem forro, sem nada. Tinha uma porta de ferro com um guichê.

O banheiro dessa cela não tinha porta, e nós pedimos uma cortina de plástico para improvisar. Ele disse que não poderia trazer porque isso era contra as normas, alguém poderia fazer daquilo uma forca... Mas até que enfim deixaram, porque ficava chato você usar o banheiro com todo mundo olhando. Tinha privada, mas não tinha privacidade!

Ato contínuo, pedimos que nos liberassem um lugar para por as coisas, um armário. Como não era possível, pedimos umas caixas, que colocaríamos uma sobre a outra improvisando um armário. Então, empilhamos uns caixotes de sabão e cada um usava um compartilhamento daqueles.

Fizeram uma cama para cada um de nós. Tudo direitinho. Nós passamos de uma pensão para um hotel cinco estrelas. Todos os dias andávamos no pátio para tomar um banho de sol, pedimos ao coronel que tomássemos banho de ar.

Assim se tem uma idéia de como era a prisão. O comandante da nossa prisão queria nos mostrar que estávamos realmente presos. No primeiro dia, ele permitiu que nós andássemos até um certo ponto e voltássemos. Nós dávamos 11 passos e voltávamos. No segundo dia, passamos a andar 15 passos e voltar.

A gente ia conquistando as coisas aos poucos. Havia um campo de vôlei lá, mas nós queríamos jogar futebol. Deixaram que a gente jogasse, mas usando meia quadra apenas. Na extremidade de cada quadra, um soldado com uma metralhadora, nós todos de short, sem camisa, desarmados completamente... Mais tarde, acabamos conquistando o campo todo.

Aí você observa a psicologia do preso. Ele busca conquistar uma coisa a cada dia.

Todos os meus companheiros moravam no Rio, recebiam a visita da esposa, namorada, noiva e filhos. E eu não tinha ninguém na cidade. Só tinha um primo, doutor Elderson, que de vez em quando ia lá, mas não dava uma justificativa para que eu subisse no parlatório. Nós dividíamos uma banana para seis pessoas. Repartíamos tudo. Vinha uma garrafinha de remédio com uísque, e nós o tomávamos com colher de sopa.

Foi um período fértil, muito bom para cada um de nós. Tivemos a oportunidade de viver mais conosco mesmos. Eu, por exemplo, fiz uma espécie de filme da minha vida, porque todo dia eu relembrava uma passagem da minha vida.

Naquele período, estavam fazendo a operação PARASAR (sigla que significa: para, de paraquedista; s, de *search* – buscar; r, de *rescue* – salvamento), que consistia em pegar um preso político e jogar no mar. Um belo dia em que subiram todos ao parlatório e eu fiquei, chegaram dois investidores e falaram:

- Pega suas coisas para nós sairmos já, porque o avião está esperando.

Eu deixei um bilhete para meus companheiros que dizia o seguinte: “Caso eu não entre em contato com vocês dentro de uma semana, não comam peixe, porque senão vocês podem morrer envenenados”.

Não me disseram para onde íamos. Só falaram que o avião era do gabinete de um ministro. Fomos para Belo Horizonte. Chegando lá, um *jeep* me esperava. Quando eu perguntava para onde estávamos indo, só respondiam: “Não tenho informações!”.

Passaram pelas ruas de Belo Horizonte, rodaram, rodaram, tudo para me despistar. Paramos no 12-RI. Lá, o comandante era o famoso general Gentil. Puseram-me num alojamento decente e eu comia como os oficiais. Dias depois, do 12-RI, também sem me falarem nada sobre o meu próximo destino, levaram-me para o CPOR, cujo comandante era o Otávio Medeiros. Foi então que notei como é interessante a psicologia do preso. Eu estava lá, só de bermuda, sem camisa, e eles me levaram ao gabinete do comandante Medeiros. Ele fez um gesto mandando que eu ficasse na frente dele. Então, fui à sua frente e pensei assim: enquanto ele não piscar, eu não pisco. Eu fiquei olhando para ele e ele para mim, até que ele piscou, e eu pisquei também. Ele perguntou:

- O senhor sabe por que está preso aqui?

- Eu gostaria muito de saber.

- Tem um questionário aqui para o senhor responder. Se o senhor responder o que nós sabemos do senhor, será posto em liberdade. Se mentir, continuar preso.

- Quanto tempo eu tenho para responder isso? Perguntei.

- Quanto o senhor quiser.

Então, peguei aquele questionário e fui até a minha cela. Era aquela mesma coisa: “o senhor é amigo do Juscelino, do João Goulart...? Se o senhor for posto em liberdade, o que o senhor vai fazer?”, respondi o seguinte: Se eu for posto em liberdade, não. Quando for posto em liberdade, farei tudo o que fiz até hoje em minha vida, porque me orgulho disto”.

- O senhor tem um colégio em Sete Lagoas? Perguntou o Comandante.

- Tenho, sim, senhor. O colégio a Fundação João Herculino.

Então, o senhor vai ser transferido de prisão.

Primeiramente, fui do Rio de Janeiro a Sete Lagoas. Fiquei lá entregue ao coronel Aristóteles. Quando o povo soube que eu havia chegado, encheu de gente na porta da delegacia, e esse coronel disse que não tinha condição de me dar segurança, porque a população estava se revezando ali na frente da delegacia. E por isso eu deveria ser transferido para um regimento. Saí da delegacia e fiquei em prisão domiciliar, na casa que tinha lá, mas com quatro soldados na porta da frente, com fuzil.

Mandeí minha família para a fazenda do meu sogro e fiquei lá sozinho. E os meus vizinhos toda hora me mandavam comida, bolo, biscoito. Os meninos iam lá em casa fazer ginástica comigo, jogar bola...Não me deixaram ir à casa de meus pais, que ficava a 500 metros. Eu pedi ao coronel:

- Será que o senhor não arranja um jeito de eu visitar meus pais? Meu pai está paraplético, minha mãe está paraplética, um em cada cama... Arruma uma licença para eu visitá-los, já que eles não podem vir aqui...

Aí então, ele arrumou uma autorização e me levou até a casa de minha mãe. Tirou a farda para não assustá-la. Quando chegamos, eu me ajoelhei, beijei minha mãe e meu pai e o coronel chorou, como uma criança.

Minha mãe perguntou por que ele estava chorando. E eu respondi que a sua mão havia morrido há poucos dias e ele estava emocionado. Deixou que eu ficasse o tempo que quisesse.

Quando cheguei em casa, havia chegando uma notificação autorizando que eu fosse transferido para aqueles dois quartéis de Belo Horizonte: o 12- RI e o CPOR. Lá

me trataram com honras de um oficial. Dormi num quarto separado, comia com os oficiais, fazia meu proselitismo, discutia as coisas com eles...

Depois começou a fase do inquérito.

Nunca fui torturado. A única coisa que eu ouvi foi que o Geraldo Corrêa, um banqueiro, quando eu estava no DEOPS, estava preso ali no porão, e que estava sofrendo muito. Mas eu não vi nada. Eu sempre fui tratado com respeito até porque eu me comportava, não dava margem para ser mal tratado. Eu fazia o que era para fazer.

À noite, os soldados faziam serenata para mim, lá em Belo Horizonte. Cantavam aquela música do Geraldo Vandré: "... quem sabe faz a hora, não espera acontecer...".

Eu vibrava ao assistir aqueles desfiles matinais com a banda de música tocando, embora estivesse ali preso. Era uma coisa linda. Lá no Caetano Farias também: "Um, dois, três, quatro. Quatro, três, dois, um. Por que tanta alegria? Porque é cavalaria". Eu tinha uma vocação militar muito grande. Quando menino, eu queria ser militar. E como estávamos na 2ª Guerra, minha mãe chorava muito e implorava para que eu desistisse. Entrei para o tiro de guerra, e comandeí o meu pelotão desde o primeiro dia, porque tinha sido escoteiro. Eu tinha uma boa voz de comando, sabia e gostava de comandar. Mas como minha mãe caía aos prantos, desisti. Quando criança quis ser militar ou beneditino. Gostava de ordem, de hierarquia.

Mas vários amigos meus, vale repetir, votaram contra a suspensão dos meus direitos políticos, dentre eles, o senador Tarso Dutra, Magalhães Pinto, Jarbas Passarinho...E o Costa e Silva mandou que Pedro Aleixo e Rondon Pacheco me defendessem, e na defesa, ele disse que nunca gastei dinheiro em campanhas políticas, porque eu não tinha, que eu era um homem que se fez por si mesmo, não era corrupto, nem subversivo. Por sua vez, o general Lira Tavares falou que eu havia achincalhado o exército brasileiro, e que devia ser cassado!

Então, Pedro Aleixo propôs que, ao invés de suspenderem meus direitos políticos, cassassem apenas meu mandato. O interessante, como já acentuei, é que o Tarso Dutra, tempos depois, ligou para a minha casa às duas horas da manhã:

- Estou te ligando para dizer que sou o relator das inelegibilidades. E, em homenagem a você, eu considero que os que tiveram apenas a cassação do mandato e não a suspensão dos direitos políticos, permanecem elegíveis.

Na ocasião, foram oito deputados que tiveram apenas mandato cassado. Mais tarde, em 1972, eu disputei as eleições e venci.

Nessas inquirições, eles mudavam os coronéis.

Um dia, eles invadiram a minha casa e tiraram uma caixa de biscoito onde eu guardava documentos e cartas. Era aniversário da minha filha Mônica, e o Flávio Marcílio, que era vizinho, foi lá e falou:

- O senhor não pode fazer uma coisa dessas no dia do aniversário da filha dele.

E conseguiu que eles fossem embora.

Na caixa de biscoitos, havia uma carta especial. Eu tinha sido convidado pelo chanceler da Alemanha para visitar seu país. Nessa visita, um dia, o chanceler me convidou para um almoço e escreveu em manuscrito um discurso me saudando. Aí eu pedi a ele aquele discurso, que era justamente o que estava na caixa de biscoitos. Eles, lá em Belo Horizonte, viram aquele discurso e pensaram que estava escrito em russo. Até que um coronel esclareceu que era uma saudação feita a mim em alemão. E a inquirição continuava até que alguém disse:

Vocês, civis, não têm amor à pátria!

Então eu respondi:

- Como é que o senhor afirma uma coisa dessas. Eu tenho, sim, amor à pátria. Como é que o senhor comemora data cívica na sua casa? Perguntei.

- Eu não comemoro data cívica na minha casa. Eu tenho quartel, comemoro lá.

- Pois eu não tenho quartel. Comemoro na minha casa. Ponho meus filhos todos em pé ao redor da cama e cada um tem que cantar, declamar ou falar sobre a data cívica. Se isso não for civismo, nada é civismo, então. Aliás, se o senhor permitir, vou telefonar para Brasília para ver se minha filha Mônica de três anos, está lá.

Liguei, e ela atendeu chorando. Eu falei:

- Não chora, não, minha filha. Daqui a pouco o pai volta. Estou ligando porque estou morrendo de saudade de você. Queria que você recitasse para mim aquela poesia sobre a bandeira.

Quando ela recitou, pus o telefone no ouvido do coronel:

“...Na bandeira cabe a pátria por maior que ela for, como na hóstia pequenina cabe Deus, Nosso Senhor.”

Sáiram lágrimas dos olhos do coronel.

Aí então respondi todos os inquéritos e eles me transferiram de prisão novamente, para Sete Lagoas. Fiquei em casa. Algo muito engraçado é que ficavam três, quatro soldados com o fuzil nos ombros, na porta da minha asa. Um dia chegou um

cidadão chamando senhor Pacífico, que era habitante de um lugarejo chamado Matos, que fica perto de Sete Lagoas. Magrinho, desdentado...Chegou lá, no seu cavalo:

- Uai, que negócio é esse?Tem ladrão aqui dentro?Tem assassino?

Desceu do cavalo do deputado João Herculino?

Tirou-os da frente e entrou:

- Esse povo tinha que estar procurando os ladrões, aqueles assassinos que andam soltos por aí. Não tem que ficar aqui vigiando um homem de bem como o senhor, não!

Durante essa prisão, li tudo quanto era livro que caía nas minhas mãos. Inclusive, li toda a Bíblia Sagrada, o que foi muito interessante porque nunca a tinha lido por inteiro.

Fiquei na minha casa até que resolveram me levar de volta para Belo Horizonte para me libertar, mas me levaram para o XII RI. Aí então me avisaram que seria posto em liberdade no dia seguinte. De manhã cedo fiz minha trouxinha, arrumei tudo e fiquei lá esperando. Passaram várias horas e nada...Quando eram duas, chegou um sargento e me mandou estender os braços para por as algemas. Eu falei:

- Você vai me desculpar, mas nem o ministro da Guerra coloca essa porcaria em mim. Até hoje fui tratado com respeito. Não admito isso!

Chutei uma cadeira e major Vicente veio perguntar o que estava acontecendo, quem tinha mandado ele fazer aquilo, e ele respondeu que preso não podia transitar sem algema. Então o major exclamou:

- Quem falou que Dr. Herculino está preso?O senhor apareça depois no Corpo da Guarda.

Pedi desculpas e nós entramos no carro dele. Fomos para o Quartel General. Lá o general Álvaro Assunção falou assim:

- Sempre admirei muito o senhor. Lamento essa situação, e queria que o senhor me dissesse o que achou dessa sua convivência no Exército.

- General, eu tenho um princípio. Há certas coisas que eu não gosto de falar, eu prefiro escrever.

Então, escrevi-lhe uma carta dizendo que, abstraindo a ilegalidade da minha prisão, da arbitrariedade contra a minha liberdade, eu achei muito razoável.

Ele disse que ia me mandar de volta a Sete Lagoas. Eu falei:

- Não, senhor. Já dei muita despesa ao Exército. Agora, prefiro ir de ônibus.

- Como o senhor quiser. Mas gostaria que você me mandasse essa carta que o senhor escreveu. Eu não estarei aqui amanhã, mas o coronel Cursio estará. O senhor pode entregá-la a ele.

Então, despedi-me dele e o major falou:

- Se o senhor e permite, vou levá-lo Sete Lagoas.

- Não, até Sete Lagoas, não! Se o senhor quiser pode me levar até a rodoviária.

Lembro-me até hoje daquela tarde bonita de abril, eu no carro do major, ele disse assim:

- O senhor é um profeta. Quando li para o senhor a portaria, o senhor disse que me passaria uma procuração em cartório, dando-me ampla liberdade para procurar qualquer coisa a seu respeito. E que o senhor tinha certeza de que, na razão inversa de minha procura, o senhor cresceria diante dos meus olhos, diante dos olhos de seus amigos e diante dos olhos de seus possíveis inimigos. Agora quero dizer ao senhor que eu me orgulho de dizer quero senhor é meu amigo.

São momentos emocionantes da vida da gente.

### **Por que fui cassado?**

Creio que a minha cassação tenha sido provocada por um pronunciamento que fiz, protestando contra a sucessão de Castelo Branco, outro militar, o Costa e Silva. Ficava evidenciado, ali, que a sucessão presidencial passou a ser mesmo uma troca de guarda, entre os militares com patente mais alta.

Esse discurso eu fiz da seguinte forma: sentei à máquina e bati o discurso direto. Depois o li para vários ministros amigos meus. Eles disseram que estava bom demais, que não mudasse nada. Era um discurso jurídico, em que eu questionava a legalidade do sistema. Não acusava ninguém, só dizia que eu protestava todo de preto porque a democracia para mim, tinha morrido naquele dia. Eu estava de luto. Era um absurdo mudar o sistema político das eleições sem ouvir o povo, e que isso iria, sem dúvida, matar a democracia no Brasil. Então, fiz um discurso de quatro minutos, no ato da eleição de Costa e Silva.

Na hora em que entrei no plenário, fui aplaudido de ponta a ponta. A galeria e o plenário nunca estiveram tão cheios de gente como naquele dia. Foi uma vibração extraordinária. Um momento de consagração verdadeira!

Os jornais haviam anunciado que eu ia fazer o discurso todo de preto. O Edísio Gomes de Matos, repórter da TV Globo, perguntou-me se havia morrido alguém de família para eu estar de luto. Respondi-lhe que tinha morrido a minha amada: a democracia, e que eu estava de preto simbolizando o luto que pairava no coração do povo brasileiro.

Fui lá disposto a matar ou morrer, porque recebi ameaças de todos os tipos. Ligavam para mim dizendo que iam metralhar, inclusive, minha mulher, meus filhos...

Então, enchi os bolsos de balas, pus dois revólveres na cintura e falei que se quisessem me matar eu levaria uns dois ou três pendurados no meu calcanhar. E fiz o discurso. Fui aplaudidíssimo pelo plenário e pelas galerias.

Dias antes desse discurso, o Castelo Branco mandou que o Paulo Sarasati falasse comigo que ele queria conversar, por telefone, no café da Câmara. Fui lá e o presidente falou:

- Eu tenho profunda admiração pelo senhor. Parami, o senhor é a pessoa mais importante da oposição. Um homem que defende seus pontos de vista. Não vá de preto porque senão eu serei forçado a cometer um ato muito a contragosto. Terei que cassar seu mandato.

- Presidente, eu me sinto lisonjeado com o fato de o senhor descer da Presidência da República até a planície da oposição, onde eu me encontro, para me dar um aviso deste. Mas quero dizer a Vossa Excelência que irei de preto.

- E eu cassarei seu mandato.

Na véspera, à noite, teve uma festa no clube do Congresso, na Asa Norte, e estava lá o Luizinho do Jornal do Brasil e o sogro dele, o Etevíno Lins, que me falou:

- Olha, João Herculino, tenho profunda admiração por você. Não vá de preto, isso é um acinte ao Exército.

- Eu vou. E por falar nisso, Luizinho, só está me faltando uma gravata preta. Você está usando aí uma gravata preta... Vamos trocar as gravatas. Dou-lhes a minha novinha. Trocamos.

Então, fiz o discurso.

Passados uns dias, o Paulo Sarasati disse-me que o presidente queria falar comigo ao telefone:

- Olha, eu passei a admirá-lo mais ainda. O senhor defende suas idéias. O senhor sabe que eu poderia cassar o seu mandato, mas fez assim mesmo o discurso. Enquanto for presidente da República, o senhor não será cassado.

Acho que o Brasil só não melhorou numa grande revolução, em que morreria muita gente, por causa da prudência e da inteligência do Castelo Branco. Se fosse um outro possivelmente teria ocorrido uma revolução sangrenta.

Em 1969, o presidente era Costa e Silva, que cassou meu mandato, muito a contragosto (que o diga quem assistiu à reunião do Conselho Revolucionário), e quando entrou o Médici, ele mandou me prender e aposentou-me no cargo que conquistei por concurso do Ministério da Fazenda.